

Velhice, memória e cultura: Um estudo sobre as representações de ser idoso na área urbana do município de Parintins – AM

ALVES, Érica Nascimento¹

Universidade Federal do Amazonas

NONATO, Alice Alves Menezes Ponce de Leão²

Universidade Federal do Amazonas

Introdução

A velhice é uma etapa do desenvolvimento humano marcada por transformações. É natural pelos sinais emitidos pelo corpo e sociocultural pois as ações dos sujeitos refletem os conteúdos socialmente construídos. Neste estudo, utilizou-se o termo “velho” para referência aos sujeitos pesquisados, pois “velho” segundo Beauvoir (1990, p. 445) é “um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si...”, visando assim desmistificar preconceitos ao termo e valorizar o sujeito longevo.

Objetivos

Geral: Discutir de que forma a cultura delineada na cidade influencia na forma de envelhecer dos velhos da área urbana do município de Parintins.

Específicos: Desvelar o que os velhos da área urbana de Parintins pensam sobre ser velho e sobre as velhices; Investigar os modos de vida dos velhos que vivem na área urbana de Parintins; Resgatar os saberes tradicionais construídos no decorrer de suas vidas e Compreender de que forma os espaços frequentados, as tradições e as manifestações socioculturais influenciam no modo de envelhecer e na velhice dos velhos que vivem na área urbana de Parintins.

Procedimentos Metodológicos

O lócus deste estudo foi a área urbana de Parintins. A natureza desta pesquisa exploratória classificou-se como Qualitativa, não descartando a coleta de dados quantitativos.

¹ Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM/Parintins. ericaalves@outlook.com

² Mestre em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia e Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas-UFAM/Parintins. allicyponce@hotmail.com

Quanto ao tipo, foi Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa de Campo. Utilizou-se da observação direta, com aplicação de entrevistas semiestruturadas. Através de Amostra Intencional, selecionou-se 15 velhos em um universo de 6.355, sendo: 3 frequentadores do Centro do Idoso Pastor Lessa; 3 trabalhadores informais do bairro da Francesa; 3 frequentadores assíduos e que realizam trabalho nas principais igrejas católicas; 3 Brincantes dos bois Garantido e Caprichoso e 3 benzedeiros. Como critérios de inclusão, participaram pessoas com idade igual/superior a 60 anos, preferencialmente os nascidos em Parintins ou os que vivem na cidade há pelo menos 40 anos e sejam envolvidos com saberes tradicionais, espaços de convivência ou festas. Por fim, utilizou-se da Técnica de Análise de Conteúdo.

Resultados/Discussão

Esta pesquisa revelou que os velhos que vivem na área urbana de Parintins são pessoas na faixa etária de 71 a 80 anos, em sua maioria mulheres. Casados ou já viúvos, com renda mensal de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo resultante de aposentadoria, trabalhos informais ou pensão. São católicos e possuem o Ensino Fundamental Incompleto.

Este estudo revelou que chegar à velhice para eles não significa estar velho no sentido pejorativo da palavra onde “as qualidades atribuídas são [...] contrapostas às atribuídas aos jovens.” (MERCADANTE, 2003, p.56). Para Orquídea (74 anos, frequentadora da Igreja de São José Operário): “Velho é algo que não tem mais utilidade. Eu não, eu ainda me sinto muito útil”. Relatam assim que possuem vitalidade, força e gostam de realizar várias atividades. Destacam viver uma boa velhice na cidade por ser um lugar calmo, onde têm reconhecimento, destacando o ganho de experiência e sossego, e como perdas, a diminuição da força de trabalho e perda da companhia de cônjuges nesta fase.

Este estudo mostrou que cotidianamente acordam cedo, oram, tomam café da manhã e seguem aos seus afazeres. Alguns passam o dia em casa em atividades domésticas, outros realizam trabalhos informais nas ruas, igrejas ou nas práticas de benção e há aqueles que frequentam os espaços de sociabilização como nos núcleos dos idosos. Ao final do dia, recolhem-se, reúnem-se com a família, jantam e têm o reparador descanso.

Esta pesquisa mostrou a utilização recorrente de saberes tradicionais. “ O conhecimento tradicional é [...] conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, [...], transmitido oralmente de geração em geração...”. (ARRUDA et al.,1999, p.30). Quando adoecem, têm resistência em buscar ajuda médica, utilizando-se de remédios caseiros e/ou a consulta a benzedeiros. Quando aceitam ir, aproveitam simultaneamente destes saberes.

Uirapuru (85 anos, Centro do Idoso Pr. Lessa) destaca: “Eu tomo garrafada de quebra pedra e folha de abacate para melhorar o físico e banhos de laranjeira para lavar alergia”. Assim, criando respostas ao que é posto pela velhice.

Este estudo mostrou que a participação dos velhos nos lugares de socialização, manifestações socioculturais e a utilização de saberes tradicionais dia a dia faz com que haja constante atividade, interação e trocas de experiências nesta etapa da vida e onde não há muitos aparatos institucionais específicos para este público, criando e recriando assim seus modos de viver de acordo com sua integração, dando sentido aos seus modos de ser, pensar, agir e viver.

Considerações Finais

Na área urbana de Parintins há uma velhice ativa, porém não é aquela dos padrões pré-definidos onde se frequenta academia ou semelhantes, é uma velhice baseada na inserção nos circuitos socioculturais da cidade como: festas, igrejas, centro de convivência, trabalho informal e benção. Essa inserção e reconhecimento é alicerce frente às transformações da velhice, oferecendo importância à realização pessoal, qualidade de vida e longevidade.

Referências

ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C.F. da; FIGOLS, F. B.; ANDRADE, D. A. C. D. (Org.). **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Editora: Nova Fronteira, 1990.

MERCADANTE, Elisabeth F. Velhice: a identidade estigmatizada. *In: Revista Serviço Social & Sociedade*. Ano XXIV, nº 75 - setembro/2003.